

# Era uma vez uma escola...

*Mostra da UFMG reconstitui salas de aula, da palmatória até hoje, e deixa a impressão de que a escola perdeu a dignidade*

Rosângela Guerra

Imagine salas de aula de épocas diferentes colocadas lado a lado, com todo o mobiliário original, mapas na parede, material didático utilizado por alunos e professores. Junte a isso pessoas emocionadas por rever e reviver as classes que freqüentaram durante a infância e a adolescência. O resultado dessa receita é a exposição *Era uma vez uma escola...*, idéia de professores da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), motivada pelo Ano Internacional da Alfabetização. Montada em Belo Horizonte, no Centro Cultural da Universidade, em outubro do ano passado, a mostra atraiu pessoas que choraram em meio a carteiras escolares, hinários e tinteiros, tal a fidelidade da reconstituição de época feita pelos professores.

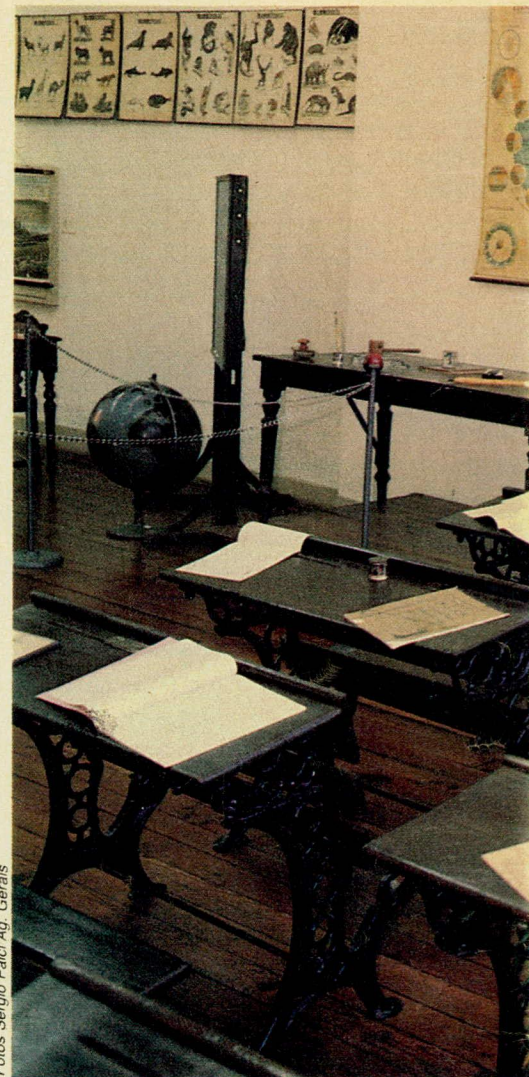
Enquanto as pessoas passeavam pelas classes que uma vez foram suas, alto-falantes tocavam uma trilha sonora que as remetia ainda mais ao passado. Eram marchas e hinos da velha escola, além de ruídos típicos de um recreio, por exemplo. “Hoje a escola não canta mais”, lamenta o professor Raimundo Nonato, um dos responsáveis pelo fundo sonoro. Eram músicas que saudavam a natureza, a vida, até os dias da semana. Algumas tinham a qualidade garantida por autores famosos, como o *Hino ao Estudo*, de Carlos Gomes. “Por isso nós o incluímos na trilha sonora”, conta Nonato.

Para os professores que estiveram na mostra, cada detalhe das salas de aula reconstituídas se mostrou intimamente ligado à pedagogia nelas empregadas — como a presença de um estrado sob a mesa do professor (da época da esco-

la tradicional), a ausência dele (na Escola Nova) e até a inexistência da própria mesa (na fase do tecnicismo). Para a maioria dos visitantes, no entanto, contou mais a emoção provocada pela volta ao passado. Aconteceu assim com Madalena Costa, dona de casa que primeiro foi à exposição sozinha, depois com os filhos, para lhes mostrar como eram as classes de seu tempo e dos avós. A saudade teve de conviver com a indignação diante do painel de fotografias das escolas públicas de hoje — flagrantes da dura realidade do ensino em Minas e, de resto, em todo o Brasil. Salas de aula sujas, esburacadas, alunos pelo chão por falta de carteiras. “Isso, sim, é o quadro-negro da educação”, revoltou-se dona Madalena.

**Decadência** — *Era uma vez uma escola...* retratou ainda a sala de aula do final dos anos 60 e da década de 70, quando as condições materiais para o desenvolvimento do ensino decaíram sensivelmente. Foi um momento de crise na educação, resultante da incapacidade da rede escolar em absorver número cada vez maior de alunos. As salas de aula tornaram-se repletas, triplicaram os turnos. Em algumas escolas, as mesas foram substituídas por caixotes e as cadeiras, por latas vazias ou mesmo tijolos. O número de leigos em exercício no Magistério elevou-se para mais de 40%.

Ana Maria Casasanta Peixoto, uma das organizadoras da mostra, explica que as salas de aula desse tempo, embora pobres, refletem a tentativa de levar à frente os métodos recomendados pela Escola Nova. Os materiais pedagógicos feitos com sucata pas-



As carteiras duplas, a mesa do professor...

saram a ser empregados nas classes.

No final dos anos 60, o governo de Minas criou a Comissão de Construção, Ampliação e Reforma de Prédios Escolares (Carpe), que trouxe a padronização arquitetônica para as escolas. Começou então a época dos prédios de tijolinhos à vista, feitos com base num projeto simples, sem grandes atrativos, acima de tudo econômico. Mas a concepção do que deve ser e representar uma escola já foi outra. A exposição lembrou a criação, em 1925, do Grupo Escolar Pedro II. O seu idealizador, o então presidente de Minas, Fernando de Mello Viana, achava que os prédios escolares deviam, “mais que quaisquer outros”, agradar “pelo aspecto, pelo estilo e pela natureza da ornamentação”, de forma a produzir emoção estética, para, segundo ele, despertar e aprimorar nas crianças o gosto artístico.



Joel Rocha

Juliana e Rafael participam da coleta seletiva do Colégio Hélio Alonso, e os moradores de Curitiba entregam o lixo reciclável nos caminhões especiais

Nesse ponto o desenvolvimento do projeto do Hélio Alonso se iguala ao de outras escolas no Ceará, em São Paulo, Minas e Rio Grande do Sul, entre outros Estados. A coleta é feita em lixeiras não só rotuladas com o tipo de lixo a ser depositado nelas, mas também com cores diferentes entre si, para que as crianças da pré-escola sejam capazes de distingui-las. No caso específico do colégio carioca, adotou-se o seguinte código de cores para as lixeiras: a vermelha indica "outros lixos" (geralmente o orgânico); a amarela, papel; a azul, metal; a verde, vidro; e a marrom, plástico. Segundo outro dos coordenadores do projeto, Naílza de Oliveira, mesmo crianças de

2 anos entenderam com muita facilidade o processo de separação por cores. Os alunos até já marcaram na memória as duas vezes por semana em que a Associação do Morro Dona Marta vem com sua caminhonete recolher o resultado do trabalho deles, tal a importância que passaram a atribuir à coleta seletiva.

Como a associação só aproveita o lixo reciclável, inorgânico, a escola instalou em seu Espaço Ecológico — onde já havia uma horta e um viveiro com galinhas, coelhos, codornas — uma composteira. É um canteiro com terra de 4 metros de comprimento por 1 metro de largura e pouco mais de 50 centímetros de profundidade, cheio

de minhocas. Aí são jogados os "outros lixos", que, quando começam a apodrecer, são cobertos com um pouco de terra. O agente mais poderoso na decomposição do lixo são as minhocas-vermelhas-da-califórnia. Rafael Araújo, de 9 anos, aluno da 3.ª série, explica por que é importante esse trabalho todo de esperar pela decomposição do lixo, cobri-lo com terra e até um pouco de esterco: "É que essa mistura se transforma em adubo, que é aproveitado na nossa horta", conta o garoto.

**Integração de disciplinas** — A receptividade dos alunos para o projeto atingiu em cheio o objetivo de conscientizá-los para esse aspecto da preservação do meio ambiente. A garota Juliana de Almeida Carneiro, de 9 anos, ficou encantada com a experiência: "Eu nunca tinha dado valor ao lixo, e agora sei como ele pode ser útil para uma comunidade como a do Morro Dona Marta".

Os alunos de 1.º e 2.º Grau discutem mais detalhes sobre a reciclagem do lixo durante as aulas de Português, Estudos Sociais e até Matemática. "A conscientização do aluno sobre o meio em que ele vive precisa ir além das aulas de Educação Ambiental: deve ser promovida pela integração das disciplinas", defende a professora Naílza de Oliveira, coordenadora do 1.º Grau. "Podemos pegar um texto de jornal que aborde o tema ou um vídeo que trate de poluição", sugere. "Não basta se livrar do lixo. É preciso saber todo o ciclo que ele perfaz e entender por que esse lixo pode voltar ao consumo, se reaproveitado."

Os professores do Hélio Alonso querem fazer suas propostas transporem os muros do colégio. "Nossa intenção é levar o Projeto Lixo para outras escolas — ele não tem custo algum — e tentar integrar todo o bairro de Botafogo com o Morro Dona Marta", revela Danilo. Pelo menos um passo para fora do colégio foi dado: a Escola Municipal México, cujos alunos são, em maioria, moradores do morro, demonstrou grande interesse em adotar o projeto. "Queremos ainda fazer um vídeo que mostre desde a coleta seletiva de lixo feita por nossos alunos até o destino final do material, nas grandes usinas de reciclagem", adianta o professor de Educação Ambiental.

*cando que o principal objetivo da campanha não é econômico, mas sim conscientizar e educar a comunidade em relação ao meio ambiente.*

*O lixo doméstico reciclável deve ser jogado em latões verdes encontrados em condomínios residenciais e em escolas, ou em caixas de papelão. Ao contrário do lixo comum (orgânico), recolhido pelos caminhões compactadores da prefeitura, o lixo inorgânico (metais, embalagens plásticas, papel etc.) é levado por caminhões verdes fechados.*

*Aproximadamente 300 toneladas por dia (equivalentes a 30% de todo o lixo da cidade) são deixadas na Unidade de Seleção e Valorização de Rejeitos — uma usina totalmente montada com peças de ferro-velho e de uma usina desativada de asfalto; dentro da Fundação*

*Rural de Educação e Integração (Frei), mantida pela prefeitura. Os internos da fundação — geralmente mendigos retirados das ruas — fazem a separação manual do material, a ser vendido por 1 cruzeiro o quilo.*

*Embora não haja cálculos oficiais, os administradores do programa de Curitiba estimam que a usina de reciclagem deva render mais de Cr\$ 1 milhão por mês. Parte do dinheiro é aplicada na ampliação do projeto, que prevê a criação de uma fábrica para renovar brinquedos encontrados no lixo. Outra parte é empregada na manutenção dos programas da Frei e da própria prefeitura. Além de ter-se transformado num negócio lucrativo, o programa mudou os hábitos dos curitibanos e criou uma consciência ecológica maior.*

Mônica Santana



O tecnicismo introduziu mesas de trabalho coletivo e testes



Falta de verbas nos anos 60 fez caixotes substituírem carteiras

Nesse ambiente, o professor procura desenvolver com o aluno uma relação de amizade. Ele é apenas o orientador do processo de aprendizagem, ao contrário da pedagogia tradicional e da tecnicista, nas quais o professor tem presença muito mais marcante.

A Escola Nova encontrou o auge no Brasil nos anos 50, apesar de a organização e a concepção da rede pública escolar se manterem nos moldes tradicionais. A pedagogia nova, porém, enveredou por um caminho incompatível com sua proposta de universalizar o ensino. Os seus métodos se provaram caros — o material de pesquisa era inacessível para as classes mais pobres da população e as salas de aula, necessariamente, deviam comportar menos alunos, o que aumentava os custos do estabelecimento escolar. Em função disso, só as entidades particulares de ensino puderam dar continuidade aos métodos escola-novistas.

### Os técnicos programam o que deve ser memorizado

Surgida de uma dissidência da Escola Nova, a pedagogia tecnicista colocou de lado a subjetividade (as necessidades e os interesses de cada um) e privilegiou a objetividade. Assim, se

na pedagogia nova os projetos eram desenvolvidos pelos alunos — trabalho que poderia durar até um ano — e pouco importava o conteúdo, na tecnicista exatamente o conteúdo era antes de tudo definido e estruturado.

Os professores organizadores da exposição da UFMG lembram que a escola, no pensamento tecnicista, deve ser um subsistema essencial à sobrevivência do sistema social, de maneira a lhe garantir um funcionamento eficiente. Daí a organização racional do trabalho ser a prioridade do tecnicismo. Surgiu o fracionamento do trabalho pedagógico, no qual o professor assumia a função de mero executor de tarefas cuja concepção, planejamento, coordenação e controle ficaram a cargo de técnicos que deveriam ser, idealmente, especialistas imbuídos de objetividade e imparcialidade.

Apesar de surgido da Escola Nova, o tecnicismo contraria frontalmente seu ideário, no qual os responsáveis pelos projetos são os educandos, não os educadores. O tecnicismo foi introduzido no Brasil na década de 50, por meio do Programa de Assistência Brasileiro-Americana para o Ensino Elementar (Pabae), resultante de acordo entre o Ministério da Educação e Cultura e o Usaid, órgão do governo norte-americano voltado para a educação no mundo

subdesenvolvido. Surgiram com o tecnicismo o uso de recursos audiovisuais e os calhamaços de testes objetivos (de múltipla escolha, também conhecidos por “testes de cruzinhas”), destinados a esgotar um assunto pela repetição exhaustiva e conseqüente fixação.

O Pabae foi extinto em 1963, mas a semente tecnicista estava lançada. Tanto que cinco anos mais tarde, em pleno regime militar, essa pedagogia foi implantada por lei, nacionalmente. Só com a imposição oficial o tecnicismo conseguiu suplantar as outras pedagogias e suas correntes.

A sala de aula tecnicista, presente na exposição da UFMG, despertou a atenção dos visitantes: não havia mesa para o professor. “Segundo o ideário tecnicista, professor e alunos estão na mesma situação diante do conhecimento”, explica Ana Maria Casasanta. Todavia, o relacionamento entre eles devia ser distante, impessoal.

Nas classes tecnicistas, os alunos ocupavam mesas com oito lugares, de formato octogonal, para o trabalho coletivo, e havia espaços reservados a atividades variadas, como o “cantinho da Ciência”, o de Estudos Sociais etc. Estavam sempre presentes nesse tipo de sala o projetor de slides e farto material expositivo, conseguidos à custa do governo americano. ■

# A aventura de aprender lendo bulas de remédio

*Escola de Porto Alegre descobre como ensinar Português às crianças com textos significativos extraídos do seu dia-a-dia*

Nilson de Souza



Fotos Antonio Vargas

**Marcos e Alexandre admitem que aprendem mais Português com bulas que com livro didático**

Os alunos da Escola Municipal Grande Oriente, de Porto Alegre (RS), abandonaram definitivamente o livro didático nas aulas de Português. Em seu lugar colocaram notícias e anúncios de jornais, pichações de muros, panfletos, *out-doors*, cartazes publicitários, bulas de remédio e depoimentos de familiares e vizinhos. Trocaram as regras gramaticais decoradas e as intermináveis conjugações verbais pelo desenvolvimento lingüístico baseado em sua experiência pessoal. “Neste ano, aprendemos mais sobre a língua portuguesa do que nos outros sete”, atesta Marcos Vinícius Almeida, aluno da 8.ª série, resumindo a aprovação das crianças ao Plano de Reformulação do Currículo de Português, iniciado em março de 1990 naquela escola da capital gaúcha.

O projeto foi desenvolvido pela Fa-

culdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras (FAPA), baseado na teoria construtivista. O ponto de partida de todo o trabalho é a escolha, feita pelos alunos a cada dois meses, de uma unidade temática trazida do cotidiano. A partir dessa unidade eles realizam pesquisas e elaboram os textos que servirão de referencial na sala de aula, no lugar antes ocupado pelo livro didático. O método, implantado pela professora Sônia Bitencourt e pela supervisora Ângela Chuvas Naschold, é aplicado em 18 turmas, cada uma com cerca de 35 alunos, sob orientação de seis professores de 5.ª e 8.ª séries e outros três de 4.ª série.

A Escola Municipal Grande Oriente foi fundada em março de 1987. Pouco tempo depois os 5 800 apartamentos da vizinhança passaram a ser ocupados por famílias de várias classes sociais,

de onde vêm os 1 300 alunos da escola. No ano seguinte, os resultados de uma pesquisa de opinião entre essas crianças levaram a supervisora escolar Ângela Naschold a iniciar a reformulação do currículo de Português. Em resposta a um questionário sobre o tema, 80% dos alunos reconheciam a importância do aprendizado da língua, mas confessavam ter dificuldade para acompanhar as aulas da matéria. Pesquisa parecida, apresentada quatro meses após a mudança no currículo, revelou que o entendimento das crianças havia melhorado e que elas gostavam mais de Português.

**Pesquisa do cotidiano** — A primeira unidade temática escolhida, em março de 1990, foi Comunidade. Os alunos entrevistaram seus familiares e pessoas da vizinhança, descobriram problemas de saneamento, saúde e drogas, levantaram todas as frases de pichações dos muros e paredes do bairro. Algumas pessoas importantes da comunidade foram convidadas a fazer palestras para os estudantes, houve uma mostra de vídeos e, finalmente, o resultado das descobertas começou a ser transformado, pelos alunos, em textos de três categorias: literários, informativos e persuasivos. Na área dos textos literários, por exemplo, 5.ª e 6.ª séries trabalharam contos, poemas, lendas, crônicas e narrativas infanto-juvenis. As 7.ª e 8.ª, crônicas e peças teatrais. As notícias sobre acontecimentos ocorridos na cidade, divulgados pelos meios de comunicação local, são base dos textos informativos para a 5.ª série. Na 6.ª série, as crianças devem ficar atentas às notícias relacionadas ao Estado; na 7.ª, ao país; e, na 8.ª, aos fatos internacionais divulgados pelos meios de comunicação social. Para o estudo dos textos persuasivos, a 5.ª série utiliza anúncios veiculados pela publicidade comercial em revistas, jornais, rádio e tevê, manifestos polêmicos e o regimento da biblioteca da escola. O estatuto do Grêmio Estudantil é material para a 6.ª série, assim como as campanhas de saúde ou de uso de serviços públicos produzidas pela publicidade oficial. Na 7.ª série, estudam-se editoriais de jornais, direitos humanos e o regimento da escola. Na 8.ª, finalmente, os pré-adolescentes se vêem às voltas com os direitos do menor que trabalha, com a Constituição



...sobre o tablado e o "troféu" entregue ao aluno "burro" marcaram a escola tradicional



O parlatório do D. Pedro II, reconstituído, comprova a importância dada à ornamentação

A mostra reconstituiu também a entrada antiga do Pedro II, com móveis feitos de jacarandá no estilo D. João VI e dois enormes retratos do imperador e da imperatriz Leopoldina. "Havia sempre uma sala suntuosa onde se recebiam as autoridades e os pais dos alunos", esclarece Ana Maria. "Era chamada de parlatório e aí, em geral, se colocavam os retratos dos patronos, de antigos diretores e também a Bandeira."

A limpeza e a arrumação das salas de aula da exposição contribuíram para provocar encantamento nos visitantes. Mesmo nos muito jovens para ter freqüentado a escola dos anos 30 até os anos 70. "A escola antiga era muito mais bonita", admirou-se a menina Ana Priscila, de 10 anos, aluna de 4.ª série.

**Raridades** — O título da mostra *Era uma vez uma escola...* foi idéia do educador e escritor Bartolomeu Campos de Queirós, que se deu conta de que "a escola está sendo destruída", seja por não guardar sua história, seja por dedicar-se também a outras funções, como alimentação e exames médico-odontológicos de crianças, "perdendo sua função primeira, que é ensinar a ler e escrever".

Encontrar objetos, materiais e móveis que serviram à escola antiga ou a adornaram foi tarefa difícil. "Soubemos, por exemplo, de uma escola que guardava no porão as cadeiras e as mesas usadas pelas crianças na época da Escola Nova, que chegou a Minas em 1928", conta Ana Maria. "Mas tudo tinha sido jogado fora", lamentou ela. Não fosse a ajuda de pessoas e de estabelecimentos que guardaram essas relíquias — de cartilhas e material didático em geral a móveis —, a exposição teria ficado mais pobre.

O registro escrito de impressões deixado pelos visitantes mostra que a reconstituição os levou a traçar um paralelo sombrio entre passado e atualidade. "O que todos perceberam é que a escola perdeu a dignidade que possuía", observa Ana Maria Casasanta. "Ninguém é ingênuo de querer a volta ao passado", comenta ela, referindo-se aos métodos então empregados. "As pessoas desejam é que a escola recupere a dignidade."

## A passividade marca o ensino tradicional

A mais antiga do país, a pedagogia tradicional foi implantada por ordens religiosas no final do século passado e reinou absoluta até a década de 30. Depois, passou a conviver com outras correntes de ensino e muitas vezes foi misturada no caldeirão de idéias que se formou na cabeça de muitos governantes e educadores. As características básicas da sala de aula tradicional — o tablado sob a mesa do professor, as carteiras duplas — passaram como herança para estabelecimentos mais modernos, que ensaiavam, apesar da manutenção do ambiente, a aplicação de “novos métodos” de ensino.

A escola tradicional se caracterizou pela transmissão estática do conhecimento, durante a qual a melhor atitude do aluno era o silêncio, a atenção, a passividade. A participação não tinha lugar, nem os professores à antiga sabiam aceitá-la e a encaravam muito mais como rebeldia e desrespeito. O centro das atenções, portanto, era o professor. Dele emanava a autoridade — daí a justificativa para a presença do tablado sob sua mesa, que servia muito mais como pedestal, como um símbolo de superioridade, do que como artifício para que os alunos enxergassem melhor o professor.

A exposição *Era uma vez uma escola...* reproduziu com fidelidade esse tipo de ambiente. Fica patente que ali se dava importância à ordem e à disciplina, traduzidos no clima sóbrio e até sombrio da sala de aula.

Nas carteiras escolares duplas — as crianças se sentavam em pares —, havia pequenas lousas. Nelas os alunos treinavam a grafia das palavras antes de cometer erros a tinta no caderno. O supra-sumo da rebeldia era limpar a lousa com cuspe. Escondido, claro.

Sobre a mesa do “mestre”, nunca faltava o símbolo mais temido da incapacidade de decorar as lições: uma lata pintada com a cara de um burro. Havia variantes, também, como o chapéu com orelhas, colocado na cabeça do aluno “burro”, que passava o vexame de ser sentado no canto da classe.



Fotos Sergio Falcão/Ag. Gerais

**A Escola Nova aposenta o tablado e coloca alunos e professor no mesmo plano**

Os castigos na escola tradicional atingiam requintes diferentes: o desobediente chegava a ser ajoelhado sobre milho. Nas paredes da classe tradicional, pendiam mapas importados, o corpo humano ilustrado, que eram utilizados para auxiliar na transmissão do conhecimento.

## A Escola Nova descobre diferenças entre alunos

Em contraposição à pedagogia tradicional, a Escola Nova veio para subverter aquele método secular de ensino. Surgida na Europa no final do século passado e desenvolvida nas duas primeiras décadas deste século, a nova pedagogia foi comparada à revolução de Copérnico na Astronomia. O paralelo é bastante pertinente: antes de Copérnico, a Terra era o centro do universo. Todos os corpos celestes giravam em torno dela, da mesma maneira que os alunos gravitavam em torno do professor. Depois da “revolução copernicana” da educação, o aluno (que adquiriu o nome de educando) tornou-se o centro das atenções, ganhou o status de indivíduo, com necessidades e interesses próprios. Passa a existir a participação da criança, o questionamento, a pesquisa, a experiên-

cia individual, valoriza-se a liberdade.

A escola tradicional “igualava” todos os alunos, seguindo o ponto de vista (provado falso pela psicologia) de que todos os homens são essencialmente iguais. A pedagogia nova constatou a existência das diferenças, seja nas características físicas, seja na aquisição do conhecimento. Impôs-se ao método o tratamento diferenciado de cada educando, encarando-se com naturalidade as diferenças entre indivíduos.

Na Escola Nova, introduzida no Brasil na década de 20 (primeiro em São Paulo, por Sampaio Dória, oito anos mais tarde em Minas), a ambientação da sala de aula, obviamente, mudou em relação à tradicional. O primeiro passo foi dar sumiço ao tablado que sustentava o professor e às carteiras duplas. Ao indivíduo, uma carteira individual.

O ambiente escolar se encheu de estímulos visuais, destinados a despertar a criança para o conhecimento. Nas classes havia sempre um local reservado para o Centro de Interesses, como retratou a exposição da UFMG. Lá ficavam expostos a coleção de insetos, os cartazes sobre os temas estudados, as sementes germinando em algodão molhado. Estava sempre presente também o Clube de Leitura, que estimulava o interesse pela literatura. E os alunos participavam ativamente.